

Universidades dão aula extra para compensar pandemia

Educação superior

Após ensino remoto, universidades precisam dar aula extra para calouros

— USP investiu R\$ 3 milhões em tutoria para recuperar conhecimentos; UFPR criou ‘semestre zero’, enquanto no Insper dobrou o número dos que precisam de reforço

LEON FERRARI

Os dois anos de aulas preferencialmente remotas no ensino médio, por causa da pandemia da covid-19, levaram a lacunas em conhecimentos básicos, que precisam agora ser preenchidas por universidades com programas e tutorias – para desenvolver sobretudo habilidades como leitura e síntese –, além de disciplinas extras de reforço. As iniciativas incluem também alunos que entraram na universidade durante a crise sanitária. “Não podemos fingir que nada aconteceu”, diz o pró-reitor adjunto de Graduação da USP, Marcos Neira. “Há habilidades e conhecimentos que não podem ser desenvolvidos em uma sala virtual.”

A USP investiu R\$ 3 milhões em um programa de tutoria para recuperação de conhecimentos. Neira destaca que o reforço é voltado tanto para os alunos que chegam agora – vindos do ensino médio remoto – quanto para quem já está no curso. “Pela primeira vez, temos, em tese, três turmas de 1.º ano.” Por isso, as tutorias tratam de temas básicos, como leitura acadêmica, até os mais complexos, de disciplinas já cursadas.

A ação é emergencial, mas há possibilidade de renovação. São 376 projetos, com 498 tutores: estudantes do último ano, da pós e do pós-doutorado. Eles, reforça Neira, não substi-

tuem o professor. Dão atendimento mais individualizado e, pela idade próxima, têm vantagem em se conectar com o tutorado, na linguagem e no tipo de relação. Permite ainda a vivência do câmpus que os alunos não tiveram antes.

“A maioria tem dificuldades socioeconômicas, renda per capita abaixo de 1,5 salário mínimo.”

Joema Morbach
Diretora da UFPA, sobre o novo perfil dos alunos

Antes de submeter os projetos, os docentes tiveram, em março, com a volta do presencial, de diagnosticar lacunas deixadas pelo remoto. “Na semana de recepção dos calouros, em rodas de conversa bem informais, ouvimos deles próprios como foi uma ‘colatina’ generalizada na pandemia em provas e tarefas online”, conta Ricardo de Camargo, professor do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas (IAG). “Se o aluno reprova no início do curso, a chance de desistir aumenta muito.” Ingressantes em 2020, 2021 e 2022 foram incentivados a participar.

Na tutoria que o **Estadão** acompanhou, o doutorando Gabriel Elias Mandanda apresentava slides a quatro alunos do IAG. A cada conceito expos-



DANIEL TEIXEIRA/ESTADÃO

Os alunos do curso de Meteorologia em uma aula de tutoria; ingressantes desde 2020 são convidados

to, questionava: “Certo?” Se a resposta era negativa ou o olhar da turma sinalizasse dúvida, retomava a explicação quantas vezes fosse preciso. “Além de explicar, temos de observar o grau de entendimento”, diz. “Fico mais confortável em um ambiente assim”, diz Raquel Bueno, de 18 anos, que veio da rede pública. “Quando tem muita gente em sala, não consigo perguntar, tenho vergonha.” Para aulas de Cálculo 1, recorreu até a uma professora particular. “Não tive base (de Matemática).”

MAIS INICIATIVAS. A Federal do Paraná (UFPR) criou o “semestre zero”, com disciplinas introdutórias para ingressan-

tes de 2022 em produção de textos acadêmicos; leitura de textos acadêmicos em Inglês; direitos humanos; e fundamentos da Matemática e Estatística. As aulas, virtuais, eram dadas por docentes da UFPR e houve tutorias com alunos da pós. Algumas disciplinas tiveram 150 turmas.

Guilherme Martins, diretor de Graduação do Insper, avalia que a pandemia “não trouxe problemas novos, amplificou os problemas”. Segundo ele, na primeira semana de aula, os calouros têm “conhecimentos centrais do ensino médio” testados. Se ficam abaixo do mínimo esperado são direcionados a classes de reforço e monitorias. “Nos últimos dois anos,

mesmo com os candidatos continuando a vir de excelentes escolas, a taxa de alunos que precisam do reforço dobrou.”

Joelma Morbach, diretora de apoio a alunos e docentes da Pró-reitoria de Ensino de Graduação da Federal do Pará (UFPA), conta que também ficou evidente a dificuldade com a rotina acadêmica: muitos alunos passaram a trabalhar na pandemia e, agora, não têm mais tanto tempo para os estudos. “A maioria tem dificuldades socioeconômicas, renda per capita abaixo de 1,5 salário mínimo.” Os professores, conta, têm sido “sensíveis” à realidade, com flexibilização no tamanho de turmas e no estudo dirigido. ●

Ações miram alunos com ansiedade e dificuldade de cumprir prazos

Além de dificuldades nos conteúdos, as universidades veem jovens com mais dificuldades socioemocionais. Janaina Santos, que coordena o programa de apoio pedagógico aos alunos da Federal de Santa Catarina (UFSC), conta que os relatos de fobia social após a volta de aulas presenciais em abril chamam a atenção.

“Eles nos procuram para colocar que não se sentem confortáveis com atividades em grupo, apresentação de seminário”, diz. “Não querem ou

não conseguem compartilhar o espaço físico. As razões são as mais diversas, desde o medo de se contaminar pela covid ou simplesmente porque não conseguiram se encontrar na sua identidade naquela turma. Ainda não se sentem parte.”

Segundo ela, houve esforços para minimizar impactos da transição para o virtual, como ampliar a orientação pedagógica e bolsas de monitoria. Mesmo assim, avalia, há perdas. Em fevereiro e março de 2021, formulário aplicado pela

UFSC apontou que 73% relataram piora na saúde física e mental. Foi criada neste ano política de saúde mental para alunos, professores e funcionários. Além disso, diz Janaina, também tem sido alta a demanda por apoio pedagógico – que foi expandido pela via remota.

A adaptação ao ensino presencial, principalmente dos calouros de 2020 e 2021, também preocupa a Federal do Rio (UFRJ). O projeto focado na autorregulação da aprendizagem remota, criado na pan-

demia, agora discute o retorno. Ao se inscrever, o estudante tem acesso a atividades como rodas pedagógicas, lives e interação por meio do WhatsApp. Os eventos abordam temas como escrita acadêmica e autonomia na aprendizagem.

Desafio mesmo pós-covid
Projeto de autorregulação da aprendizagem remota, criado na UFRJ, agora discute o retorno

Arlene Maria Zimba dos Santos Pires, coordenadora do projeto, destaca que a principal dificuldade tem sido na organização do tempo dos jo-

vens. “Do ponto de vista da aprendizagem, noto demais a questão da procrastinação, do adiamento das atividades, de não conseguirem cumprir com os compromissos”, diz.

Para o aluno de Jornalismo, João Tuasco, de 19 anos, as quatro horas diárias entre ida e volta do câmpus criaram um desafio: fazer todas as leituras do curso. Ele largou um frila como revisor de texto e tenta fazer as leituras mais dinâmicas – com dicas que recebeu do projeto da UFRJ. Mesmo assim, não tem dado conta e teme prejuízos ao aprendizado. “O texto esclarece e aprofunda algumas coisas que os professores não têm como explicar na aula.” ●

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Metrópole **Caderno:** A **Página:** 12